

TATIANA EM TRÊS TEMPOS

*Martinho Silva¹
Adriana Santos²
Roberto Preu³*

Até o acidente de carro que lhe tirou a vida em novembro de 2014, Tatiana tinha muitos amigos e nós éramos alguns deles. Além disso, também fazíamos parte de seu amplo grupo de colegas de trabalho. Como Tatiana, somos professores, gostamos de ler, escrever e reunir pessoas para discutir alguma ideia. Infelizmente, nos encontramos privados da companhia dela, uma pessoa que lia inclusive biografias, escrevia até mesmo em diários e passava grande parte de seu tempo debatendo assuntos coletivamente: trabalho e saúde certamente, como também política e psicologia. Nós, como muitos outros indivíduos em grupos e instituições pelos quais ela transitou, tivemos o prazer de ler, escrever e conversar com ela, convivendo com Tatiana em diferentes momentos de sua existência, tendo sido convocados para render-lhe uma homenagem nesta revista justamente por conta disto.

Apesar da vivência de tristeza – para dizer o mínimo – que a notícia do acidente nos suscitou, decidimos, coletivamente, partilhar com vocês um pouco do cotidiano com Tatiana. Inclusive, essa era uma das atitudes que mais nos faziam admirá-la: seguir em frente apesar de todos os problemas, produzir coletiva e não só isoladamente. Embora a atividade crítica seja outra de suas características, não seremos capazes de exercê-la aqui, dada a admiração que cultivamos ao longo do tempo por tudo o que ela fazia. Cada um, a seu modo, vai contar a seguir sobre as razões – e emoções, evidentemente – dessa profunda admiração por Tatiana, de maneira que o texto está dividido em três partes, cada qual relativa a um tempo na existência dela, cada qual contada por um dos três autores. O espírito de escrita é coletivo, mas em cada tempo, a palavra é dada a um dos atores/autores. Iniciamos como Martinho Braga, num segundo tempo Adriana Santos e num terceiro tempo Roberto Preu.

O texto não tem conclusão...

¹ Professor Adjunto do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

² Doutora em Ciências na Área da Saúde, Cultura e Enfermidade, pela Escola Nacional de Saúde Pública (E NSP-Fiocruz).

³ Professor Adjunto do departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP).

TEMPO DE MILITÂNCIA AUTO-CRÍTICA

As últimas palavras que troquei com Tatiana foram por mensagem eletrônica. Eu, minha mulher e duas filhas tínhamos promovido um almoço com amigos em nosso antigo apartamento umas três semanas antes, ela, seu namorado e duas filhas vieram e na ocasião eu contei que estávamos de mudança para um novo apartamento. Morávamos há mais de dois anos no bairro de Copacabana, cidade do Rio de Janeiro-RJ, ao longo dos quais visitamos e recebemos visitas de Tatiana e sua família várias vezes. Eu e Tatiana nos conhecíamos há 15 anos, acompanhamos um a mudança do outro em outros momentos também, como quando ela saiu de seu apartamento em Niterói-RJ e foi para uma casa em Ipiabas-RJ, ou quando saiu de Porto Alegre-RS para Barra do Piraí-RJ, ou quando de minhas idas e voltas entre o Rio de Janeiro-RJ e Brasília-DF. Assim, quando eu e minha família chegamos ao nosso novo apartamento, no bairro de Laranjeiras, avisei isso por *email* a ela, que logo respondeu: “Já!”. Naquela mesma semana aconteceu o acidente, de maneira que ela tirou as palavras da minha boca, pois eu é que fiquei surpreso e me perguntando: “Já?”. Foi mudança demais, repentina demais, até para mim!

Desta maneira, não consigo falar mais do que isso sobre esses últimos anos com essa amiga aqui no estado do Rio de Janeiro, reservando-me a contar justamente o início de nossa amizade, quando comecei a admirá-la tanto como pessoa quanto como pesquisadora. Vou fazê-lo seguindo o calendário mesmo, através de uma cronologia de fatos e de uma crônica dos acontecimentos, para depois destacar uma das coisas que mais aprendi com ela: a militância auto-crítica. Nem uma memória nem uma história da Tatiana, conto os fatos tal como eu os vivi, sem a pretensão de ser exato sobre as datas, pessoas e instituições mencionadas.

Tatiana tinha duas filhas, eu tenho duas filhas também. Tatiana fez psicologia e atuou na área de saúde mental, eu também. Assim, eu e Tatiana tínhamos algumas coisas em comum, além dessas citadas também a simpatia pelo pensamento de Michel Foucault, pelo debate aberto e pela crítica franca. Ela, mais generosa e entusiasmada, muito mais grupal e alegre, tornou-se uma referência para mim ao longo dos anos, um símbolo de cooperação, de como ainda vale a pena apostar no diálogo e nas relações horizontais – e não nas costumeiras parcerias verticais – ao longo do processo de produção de conhecimento.

Conheci Tatiana em 1999, em um evento organizado pelo Conselho Federal de Psicologia, acontecido no campus da Universidade de Brasília (UnB). Esse seria o primeiro de muitos eventos dos quais participamos ao longo desses 15 anos, o último tendo sido o IV

Congresso Brasileiro de Saúde Mental, promovido pela Associação Brasileira de Saúde Mental e ocorrido em 2014 na cidade de Manaus-AM. Em 1999 eu estava terminando meu curso de psicologia na UnB e Tatiana já era psicóloga formada em Porto Alegre-RS, acho inclusive que ela estava representando o Conselho Regional de Psicologia – RS naquele evento. Fato é que lembro de termos conversado após uma das atividades, um bom papo sobre a saúde mental, o primeiro de muitos outros.

A conversa deve ter sido boa, pois quatro anos depois, em 2003, em outro evento (desta vez da Associação Brasileira de Psicologia Social, em Porto Alegre-RS), nos reconhecemos. Ela, um amigo chamado Cláudio e outros alunos e professores da pós-graduação em psicologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul estavam no aeroporto aguardando alguns professores cariocas para levá-los ao hotel. Provavelmente faziam parte da comissão organizadora do evento ou algo assim, sendo que eu, na época aluno do mestrado em saúde coletiva, terminei pegando uma carona com eles dois.

“É mesmo, você é o guri lá de Brasília...”, disse ela para mim no aeroporto. Cláudio era tão falante quanto ela. Partimos, eu, Tatiana e Cláudio, conversando sem parar, colocando o papo em dia, apresentando-se novamente, discutindo mais uma vez saúde mental, tal como naquela expressão: tudo ao mesmo tempo agora! Após um bom tempo no bar, em uma época sem *whatsapp* mas com celular, notamos que os outros participantes do evento não chegavam, daí é que Tatiana e Cláudio lembraram que havia dois bares com o mesmo nome em Porto Alegre-RS e que certamente os demais estavam no outro. A conversa estava de um jeito que não interrompemos ela tão cedo, nem nos preocupamos com o engano: ali nasceu uma grande parceria.

A minha vida acadêmica foi cercada de eventos, bares e debates, bem como de encontros inusitados como este. O que gostaria de chamar a atenção é para a atitude de Tatiana: mal me conhecia e foi gentil, acolhedora e, particularmente, espontânea ao me reconhecer no duplo sentido da palavra, de lembrar de mim e de ofertar uma carona para um mestrando como ela, mantendo-se no bar enquanto os convidados do evento, muito conhecidos, estavam em outro bar. Nesse momento, comecei a admirar em muito a pessoa Tatiana, posteriormente fazendo o mesmo em relação à pesquisadora.

Quando Tatiana terminou o mestrado em psicologia social logo publicou sua dissertação em um livro, dada a excelência de sua contribuição para dois campos ao mesmo tempo: saúde mental e saúde do trabalhador. Também deu início ao seu doutorado em saúde pública na Fundação Oswaldo Cruz e assim foi para o Rio de Janeiro-RJ. Participamos de quatro eventos da Associação Brasileira de Saúde Coletiva se não me engano, o primeiro em

Florianópolis-SC em 2005, o segundo no Rio de Janeiro-RJ em 2006, o terceiro em Salvador-BA em 2007 e o quarto em Porto Alegre-RS em 2012, alguns deles em companhia dos demais autores desse texto. Após o primeiro evento citado, Tatiana presenteou-me com seu livro e até o terceiro eu tinha preparado uma resenha crítica do mesmo. A resenha também era uma publicação científica, mas não só, pois de certo modo condensava as nossas conversas sobre o campo da saúde mental ao longo desses anos, particularmente sobre a questão da militância, sendo ela e eu ativistas-profissionais-pesquisadores na luta por uma sociedade sem manicômios, ela também gestora e eu também clínico nesse período.

Como outros atores-autores ligados ao processo de reforma psiquiátrica brasileira, Tatiana preocupava-se com a formação dos trabalhadores de saúde mental. Muitos apontavam o seguinte problema: antes da Lei 10.216/2001 os trabalhadores dos serviços de atenção diária também militavam na causa antimanicomial, mas depois que os serviços se multiplicaram o perfil dos profissionais mudou, já não eram aqueles que cunhavam palavras de ordem e lemas como “trancar não é tratar” e “cuidar sem excluir” e assim lutavam por um novo modo de lidar com a loucura na sociedade. Com um certo ar de nostalgia, vivendo de certo modo uma crise geracional, muitos desses atores-autores lamentaram e ainda lamentam essa mudança de perfil. Diferentemente deles, Tatiana teve a coragem de desenvolver instrumentos teóricos e metodológicos para colocar em análise inclusive a militância, daí sua questão de pesquisa (quase uma heresia na época): a reforma psiquiátrica só é possível com trabalhadores militantes? Foi nesse momento que passei a nutrir uma grande admiração não só pela pessoa como também pela pesquisadora Tatiana. É a isso que chamo de militância auto-crítica, uma das principais lições que ela me ensinou ao longo desses anos.

Basta de lamentos, essa mulher-mãe-autora-ativista-professora-pesquisadora-gestora, e muito mais, deixa para nós um legado. Paro por aqui o primeiro tempo da Tatiana.

TEMPO DA BELEZA, LEVEZA E DEVIR

Com aquele sorriso largo, passos lentos e coração aberto para vida, nossa guria fez suas lutas e escolhas, vivendo intensamente cada uma delas. Entre suas apostas, estava o doutorado no Rio de Janeiro. E foi nesse momento que nos encontramos. Na aula inaugural do ano letivo da Ensp/Fiocruz, em março de 2005, iniciamos nossa conversa, com certa timidez e formalidade, exploramos nossos territórios em comum – psicologia, saúde mental, saúde e trabalho, análise institucional, filosofia, artes, viagens, amizades, família. No coquetel de boas-vindas, um brinde às semelhanças, à conquista do ingresso no doutorado e

a tantas outras que a vida nos daria. Nosso rito de iniciação foi regado com afeto e vinho. A partir daí, seguimos, cotidianamente, partilhando autores, professores, valores, gostos, amigos, familiares, sentimentos, momentos e decisões duras.

Eu, morando na Lapa; ela, em Porto Alegre. Assim passou o primeiro ano do doutorado. Envolvidas com as disciplinas formais e também com um projeto pessoal que ela topou prontamente: fazer uma etnografia dos bares da lapa. Conhecer os costumes e gostos deste recanto carioca, que ainda naquela época, era um lugar eclético, fora do convencional, acolhedor e aberto aos bichos grilos, músicos, travestis, à expressão das singularidades. Nosso trabalho era experimentar os sons, sabores e movimentos. Aprender na arte das ruas, dos bares e do acaso, pontos instigantes para discussões filosóficas e sociais. Chamávamos para conversa os “entes” que nos convocavam ao instituinte da vida. Elegemos o Bar Ximenes, batizado por nós como “bar da oncinha”, pelas toalhas de onça que cobriam as mesas. Ali nos filiamos à comida, aos garçons, aos donos e convivemos com Selaron, um freqüentador assíduo.

Entre 2005 e 2006, conheci seu tesouro, Marina e Amanda, ainda crianças. Na convivência com elas aprendi que Tati era uma mãe que protegia encorajando, amava acolhendo os tempos e as diferenças de cada uma, transmitia a ética pela serenidade com que se posicionava como pessoa-mãe-mulher junto a suas filhas. Também conheci seus pais, Eric e Ignez, os irmãos Cristiano e Ulisses, além da família de amigos de Barra do Piraí, Porto Alegre, Brasília - Ana Paula e Antônio, Glauco, Cadron, Lair, Carol, Martinho e Moema. O *modus operandi* dessa ariana unia as pessoas e construía sua permanência em nossos tempos e espaços. Com Tati, seu pai, irmãos, filhas, namorado e amigos passei meu primeiro *Reivellon* em Copacabana, um momento místico e belo. Pulamos ondas, pedimos as bençãos para o novo ciclo e firmamos um pacto de brindarmos todos os anos. Assim tem sido: à meia-noite um brinde!

Com leveza e firmeza se colocava nas relações, nas atividades intelectuais, políticas e de gestão. Todos devem se lembrar das discussões que estabelecia. Filha da ditadura, argumentar era com ela mesmo. Posicionamentos pertinentes e afirmativos pela convivência com as diferenças. Com seu estilo “tati(e)ana(o)” de ser, estava sempre ali, comprometida com as pessoas e com projetos sociopolíticos. “Tateando”, criava redes, estratégias e operava pela potência.

No compromisso com o “cuidado de si”, Tati me inseriu nos estudos de Foucault, o careca. Um autor que habitava sua subjetividade, orientava o seu percurso acadêmico e, sobretudo, a sua permanente busca pela transitoriedade. Compartilhar tal vinculação foi,

para mim, um ponto de abertura para me aventurar nas leituras sobre arqueologia, genealogia, ética, etc. Cursamos, em 2006, as disciplinas do Roberto Machado no IFCS/UFRJ e da Heliana Conde no IPS/UERJ. Aprendemos sobre nós e as instituições – no propósito da circularidade dos saberes. Com esse objetivo, entre 2006 e 2008, participamos de vários congressos nas áreas da Saúde Coletiva, Saúde Mental e Psicologia Social: eu sobre a temática da comunicação e saúde, ela sobre saúde mental dos trabalhadores de saúde mental. Juntas, articulamos ideias e tecemos nossas histórias de trabalho e de vida. Foram muitos os “causos”. Em Buenos Aires, fomos às ruas manifestar com as Madres de La Plaza de Mayo. Em Salvador, banhadas pela baía de todos os santos, fomos à missa dos negros. Ela não era dada à religião, mas, à espiritualidade, sim. E, sob o sincretismo religioso, pedimos as bençãos a Yemanjá e aos Orixás.

Nesse estado de graça, terminamos o doutorado e passamos no concurso do Ministério da Saúde no mesmo ano (2009). No ano seguinte conquistamos nosso lugar no serviço público federal como professoras do ensino superior. Ela na UFF eu na UFV. Autora de vários artigos e livro, além de citada por diversos estudiosos, vivia o cortejo acadêmico com simplicidade e tenacidade. Esvaziava qualquer possibilidade de enaltecimento intelectual. Em sua defesa de doutorado, ao receber da banca o “aprovada com louvor”, agradeceu sem vaidade, sorriu por alegria e festejou, como sempre fazia! Outra situação que demonstra esse posicionamento ocorreu em 2012, quando organizamos o seminário “Cuidado de si como condição para o cuidado do outro no trabalho em saúde”, na UFF/Volta Redonda. Improvisamos um alojamento em uma das salas de aula, e ficamos por ali – eu, Tati, os alunos da UFV e as agentes comunitárias de Viçosa, todos integrantes de um projeto que desenvolvia na universidade. Essa experiência, inusitada aos olhos de muitos, na nossa visão representava o exercício do cuidado. Essa era a Tati, imersa nas práticas.

No projeto de vida, de fazer valer seu aprendizado intelectual, empreendia voos libertários. Lembro-me bem, ela dizia: “se tem um problema, eu desvio dele”. E, nesse movimento, traçava suas linhas de fuga e tecia tantas outras possibilidades de se inventar e de construir afetos e vínculos. Uma aposta cotidiana pela experimentação ética e estética do sujeito. Sua potência criativa, expressa em sua generosidade, no gosto pela leitura, pelas artes, pela escrita de poesias, crônicas e de seus diários de viagens, eu diria, era mais um dos modos de subjetivar-(se) e viver com a alteridade.

Com sua generosidade singular, no falecimento do meu pai, em 2013, ela ficou por perto. Visitou-me em Bom Jardim de Minas, minha cidade natal, confortou minha mãe e irmãos. O ano seguiu. Minha mãe adoeceu, falecendo em janeiro de 2014. Ela ficou sabendo

dias depois. Assustada com a rapidez de tudo foi ao meu encontro com sua proteção, como fazia nos momentos que eu me sentia a deriva. Sentamos a beira de uma cachoeira e conversamos longamente sobre os rumos que gostaríamos de seguir e as necessidades diárias. Obrigada amiga! Então 2014, eu vivia um momento de afastamento do mundo. Ela em sua acessão profissional, com viagens mensais, aulas, projetos de pesquisa, aulas e orientações. Nos encontramos pouco, em setembro ela me visitou na ocasião do meu aniversário. Visivelmente abatida de tanta correria, mais feliz e realizada!

Nos momentos de alegria ou nos mais difíceis, a amizade de Tati produzia pertencimento e cuidado. Como disse Ana Paula, sua amiga de infância: “a Tati era tão nossa”. É isso, ela sabia ser e transitar por nossos corações, com beleza e leveza. Nessa condição de sua existência aconteceu o seu devir. Talvez seja essa uma palavra que possa defini-la. Resignifico e represento sua partida como se fosse uma explosão feita de luz, “silêncios e sons”, através da qual ela pôde assumir, definitivamente, os modos de existir que sempre lhe fora tão singular e marcante – a dispersão, o devir. Sigo cantando com Gonzaguinha em sua homenagem: “fé na vida, fé no homem, fé no que virá. Nós podemos tudo, nós podemos mais. Vamos lá fazer o que será”.

TEMPO DE ENCONTROS, NOVOS PROJETOS E A MESMA INTENSIDADE

Dia 17/01/2011, após um dia corrido, chego no campus do aterrado da UFF em Volta Redonda para me apresentar como novo professor recém empossado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Dirijo-me à sala da direção e uma simpática funcionária me recebe e me conduz a um tour pelas novíssimas instalações do campus que acabara de ser inaugurado. Ao final da visita, ela me leva àquela que seria a minha sala, meu local de trabalho. Sou avisado no caminho que nem a chefe de departamento, nem a coordenadora do curso de psicologia estão presentes. Chegamos à sala e uma pessoa ao mesmo tempo tímida e charmosa vem ao meu encontro. Cumprimenta, me dá as boas vindas e tenta esclarecer sobre aquele novo mundo que pra ela também se acabava de se descortinar. Durante os próximos 3 anos compartilharíamos nossas vidas. Nesse tempo, eu descobriria que a timidez, que eu percebera à primeira vista, era na verdade a prudência de quem se expressa só quando se sente absolutamente segura de si. E o charme, a primeira e breve sensação que eu teria de um carisma imenso. Estava diante da pessoa mais carismática que viria a conhecer.

Muito difícil narrar de modo direto algo que possa traduzir minimamente o que foram estes anos de intensas experiências. Nesse dia, quando nos encontramos pela primeira

vez, ela escrevia um projeto de extensão: "O Cuidado de Si como Condição para o Cuidado do Outro." Sento-me ao seu lado e começamos a conversar sobre o conceito foucaultiano do cuidado de si. Tatiana curti o conceito de sincronicidade de Jung; eu não. Mas o que poderia explicar o fato de que um primeiro encontro entre uma militante/pesquisadora em saúde mental e um estudante de epistemologia fosse regado por uma conversa sobre Michel Foucault logo nas primeiras horas? Era evidente o prenúncio de uma parceria. Ela me passou um texto sobre a obra de Canguilhem e Foucault que ela havia escrito e combinamos de continuar o papo. Cheguei em casa e devorei o texto. Começo a descobrir seu imenso carisma. Ainda que meu rigor teórico não me permitisse concordar integralmente com que tinha lido, era impossível não se embriagar com a potência expressa no texto. A conversa sobre o texto rendeu a proposta de uma parceria.

Em março de 2011, Tatiana já havia conversado com a secretaria de saúde para que o projeto de extensão pudesse funcionar visitando os serviços de saúde mental. Eu de minha parte havia iniciado um diálogo com pesquisadores da UFF de Niterói para conversarmos sobre a possibilidade de projetos em comum. Então, ocorreram dois contratemplos e uma primeira superação: de um lado, a secretaria de saúde nos informou que deveríamos subordinar nosso trabalho a uma consultoria que havia sido recentemente contratada para atuar nesses serviços de saúde mental; de outro lado, a conversa com Niterói não evoluiu. Entretanto, apoiados na aposta da autonomia universitária e na perspectiva de construirmos um projeto de curso de psicologia em Volta Redonda que mantivesse uma relação independente com a sede, resolvemos bancar o projeto por nós mesmos. Eis que me deparo com a incomparável capacidade de Tatiana para fazer as coisas acontecerem. Impedidos de atuar diretamente nos espaços da rede, caracterizamos a extensão como um projeto da UFF/VR e convidamos os trabalhadores da rede de Volta Redonda a comparecerem em um horário que não interferia em suas atividades na rede. Apesar de uma tímida divulgação, recebemos mais de uma centena de trabalhadores de toda a região do Médio Paraíba interessados no projeto. Estava estabelecida a plataforma de lançamento de nossos trabalhos.

No primeiro semestre de 2011 nos dedicamos exclusivamente a essa atividade de extensão, uma vez que ainda não havia ingressado nenhum aluno no curso de psicologia, o que só ocorreria no segundo semestre deste ano. Definimos a partir das interessantes conversas com os trabalhadores, proporcionadas por essa atividade, os temas que seriam os eixos básicos de nossa parceria: formação em saúde, a construção múltipla e plural do conceito de saúde e diferentes acepções do trabalho como tarefa de cuidado. Isso pautou a construção de um primeiro projeto de pesquisa em comum, no qual, em torno desses temas,

pretendíamos nos aproximar da história da construção da rede de saúde mental de Volta Redonda e região: "A Gênese das práticas de cuidado na rede de saúde mental na região do Médio Paraíba."

Nesse percurso, o trabalho se estabeleceu por uma indissociação entre pesquisa, ensino e extensão, bem como na construção de uma aliança sólida como os trabalhadores da rede. No início de 2012, os trabalhadores nos procuraram para retomarmos as atividades de extensão em um dispositivo que agora percorreria os serviços da rede, como era nosso projeto inicialmente barrado pela secretaria. Momento de aprender com Tatiana sobre a importância da aliança com os trabalhadores da saúde. Afinal, foi por via desse vínculo magistralmente construído por ela que, enfim, poderíamos ingressar no espaço dos serviços. Neste ano, as primeiras turmas de psicologia já haviam ingressado. Abrimos em conjunto uma disciplina optativa com um intuito de lançarmos logo nos primeiros períodos da graduação as discussões que vínhamos produzindo na nossa pesquisa e extensão. A partir desse momento, outro ensinamento de Tatiana de como se trabalhar com formação em saúde: "os alunos têm que se formar no serviço". E isso foi muito interessante e, hoje em dia, alguns desses alunos que estiveram conosco lá desde o início colhem os frutos desse contato "precoce". Ao final de 2012, uma primeira despedida. Congresso da ABRASCO em Porto Alegre. Ali conheci a cidade de Porto Alegre como o território de Tatiana. Fim de tarde no Gasômetro, por do sol no Guaíba e a doce despedida. Tão inesquecível quanto incompartilhável.

A volta ao trabalho em 2013 nos exigia traçar, ainda que um pouco à distância, a estratégia de composição da área de saúde coletiva no departamento de psicologia de Volta Redonda. A garantia das vagas de professores para compor a área e o perfil de professores que queríamos para preencher essas vagas ocuparam predominantemente nossas discussões. O projeto de extensão iniciado em 2012 se desdobrou em uma parceria com os trabalhadores para estabelecermos um diagnóstico da rede de saúde mental⁴. A progressiva entrada dos professores que hoje integram a área de saúde do departamento aumentou a distância entre nós. Agora Tatiana estava cercada de pessoas que haviam se formado para atuar nessa área, que, como ela, tinham grande experiência. Era hora de me afastar e tentar sobreviver ao terrível ano de 2014.

⁴ O relato dessa experiência pode ser encontrado em: Ramminger, T.; Preu, R. de O.; Castro Silva, J. K. S. C.; & Costa Silva, G. da. A Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um relato de experiência da integração entre a Universidade e a rede de atenção integral à saúde mental em Volta Redonda – RJ. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2014.

Minha tentativa de afastamento foi desastrosa. Percebendo minha aflição, eis que Tatiana se oferece como horizonte. Prova de imensa generosidade e de uma amizade que ultrapassa qualquer possibilidade de mágoa ou ressentimento. Dia 14/11/14. Último dia da Semana de Psicologia da UFF. Eu acabara de dar a pior aula da minha vida. Encontro Tatiana no térreo da UFF. O brilho dela mudou o ar! Ali entendi a expressão que Gilles Deleuze usava para se referir a Michel Foucault (a quem Tatiana se referia como “o careca”). Ela me deu carona para casa e eu dei-lhe um beijo de despedida e... ela se tornou inesquecível!